

Matto-Grosso

REVISTA MENSAL

DE

SCIÊNCIAS, LETTRAS, ARTES E VARIEDADES

ANNO VII

CUIABÁ — JANEIRO — 1910

NUM. 1

Aos seus **Collaboradores**

Bons Assignantes

Assíduos Leitores

Generosos Amigos

A quantos directa ou indirectamente con-
correram para a sua vitalidade durante o
anno que expira

A todos os seus Bemfeitores

SAÚDA A

Matto-Grosso

Almejando-lhes muitas felicidades e
venturas no decurso do ANNO 1910, e as
bençãos mais escolhidas do céu!

Mais um anno



OM o presente numero entra a *Revista Matto-Grosso* no setimo anno de sua publicação periodica.

Um resumido numero de matto-grossenses devotados, uniam-se em 1904, para «preencher uma das lacunas de que muito resentia-se o nosso Estado.»

Escreviam no primeiro numero: «Inspirados no sentimento de seus verdadeiros interesses, quasi todos os povos trabalham com ardor para perpetuarem os seus feitos, erigindo esses monumentos que a litteratura tem sabido crear atravez dos seculos e que constituem verdadeiros arsenaes de conhecimentos uteis.

Houve poetas distinctissimos, historiadores, geographos, estudos de incontestavel valor; mas que delles só temos noticias pelos mais lamentaveis descaminhos. As obras do Barão de Melgaço, de João Augusto Caldas, de José Thomaz e muitos outros são d'isto exemplo.

A necessidade de um repertorio ou registro do que existe aqui sobre a nossa terra, seguido dos factos coordenados em ordem a fornecerem de futuro, subsidio seguro para nossa historia, são os principaes motivos que impellem-nos a aventurar

este commettimento talvez superior ás nossas forças.

Modesta e sem outro apoio além dos bons desejos de servir a causa publica, inicia-se a *Revista Matto-Grosso*, em pequeno formato, e será publicada mensalmente com as secções que as condições de oportunidade lhe forem offerecendo.

O programma da Revista será: *Religião e Patria.*»

Depois de seis annos de publicação, inspirada sempre no seu programma, a *Revista Matto-Grosso* volve o olhar retrospectivo e confessa sentir-se satisfeita de sua existencia, convencida ter até hoje, attingido o alvo que se propunha, combatendo a favor da verdadeira religião, derramando luzes sobre o nosso estensissimo Estado, tão desconhecido aos proprios brasileiros, enaltecendo o idolatrado Brasil.

Suas 2.304 paginas ahí estão abertas, documentos inequivocos a comprovar a verdade da affirmação.

Não nos faltaram difficuldades nem sacrificios, não nos faltaram momentos criticos de desanimo, mas foram vencidos; e essas difficuldades tornaram-nos cada vez mais fortes, destemidos, preparados a vencer quantas outras apparecerem em nossa marcha gloriosa pois é altamente patriótica.

Facto eloquente e digno de reparo: ao passo que vemos quanto é ephemera e momentanea a existencia de jornaes e revistas entre nós, na verdade, não ha anno em que não appareça alguma nova publicação, e fogo fatuo, desapareça; a *Matto-Grosso*, depois de seis annos de util publicação, examinando o passado, fita o futuro e vê-o envolto n'um manto de gloria e mui promettedor.

Isto prova a energia de vontade de seus redactores, acostumados ás lides da imprensa, a competencia dos mesmos em apresentar artigos que são lidos sempre com maior afan, procurados até no estrangeiro.

Ultimamente augmentaram os assignantes e os pedidos de permuta de varios jornaes e revistas.

São provas certas, que a *Matto-Grosso* tem merecimentos que a recommendam ao carinho e apreço dos entendidos.

«Sua leitura é agradável, variada, interessante, orientada sempre nos principios da sã moral, ufana-se quando pode salientar as datas nacionaes, enaltecer o Brasil, derramar luz sobre o nosso Estado; por isso amo a *Revista Matto-Grosso*, leio-a assiduamente, sempre com

maior satisfação, e recommendo sua leitura aos amigos e conhecidos.»

Assim se exprimia, em carta, um nosso conterraneo. Ao desponsar do dia que recorda seu apparecimento, a *Revista* sente-se impellida a manifestar sua gratidão a todos os redactores, salientando entre elles, o illustrado *Estevão de Mendonça*, a quem deve o mais vivo e sincero reconhecimento pelos conselhos acertados e pela continua collaboração.

O primoroso escriptor, é quem nos deu os manuscriptos do Exmo. Sr. Barão de Melgaço, obra de subido valor intellectual, attrahente, e que tanto recommenda a *Revista* á consideração e leitura de quantos amam conhecer nosso Estado, tornando-a outrosim um documento de inestimavel valor scientifico.

Aos amigos e leitores, a *Revista* envia vivos agradecimentos pelo amor que lhe dispensaram e dispensam, desejando a todos, muitas felicidades e venturas durante o novo anno; e, aproveita o ensejo para certificar-os que cheia de vida, de força e boa vontade, repete firme e inabalavel: meu programma será sempre: Religião e Patria.

Cuiabá. 1—1—910



D. Bosco e a Imprensa

A 22 annos que a cidade de Turim (Italia) estava submersa em lucto; seu commercio perdia toda a actividade, suas ruas o movimento, a sociedade o socego.

Era o dia 31 de Janeiro...

O homem extraordinario, o homem milagre, como o definiram as mais altas mentalidades cosmopolitas, abandonára o valle de pranto, para morar e gozar das alegrias infindas do além...

Morreu *D. Bosco*, morreu *D. Bosco*; era a phrase que, qual setta veloz, passava de bocca em bocca, levando a dor mais intensa, á sociedade inteira, no mesmo instante que o telegrapho, com a velocidade do pensamento, a communicava a todas as nações civilizadas do mundo. E ao lugubre resoar da phrase assustadora, os longinquos enviavam sentidos pezames, e o povo de Turim, sem distincção de classe ou condição, pressuroso corria ao humilde quarto do *P. Bosco*, aonde ainda ficavam expostos seus restos mortaes, e ali imprimia o derradeiro osculo sobre a mão do grande Apostolo do século XIX.

Nem outra pode ser a definição appropriada ao grande sacerdote, si se considera o profundo sulco que gravára na sociedade em sua vi-

lavoriosa de 77 annos, e o vasto vazio produzido por sua morte!...

D. Bosco foi o homem admiravel, que a Providencia suscitou para sarar uma sociedade corrompida e corruptora!

D. Bosco foi o homem encyclopedico em intuir os multiplos males da sociedade, proven- do a todos.

Não houve obra philanthropica que não emprehendesse elevando-a á subida perfeição.

Viu a necessidade de educar as crianças, especialmente pobres, e abriu oratorios festivos, orphanatos e collegios. Era a epoca em que o socialismo absurdo, porque divorciado da religião, se espalhava em toda parte, com seus principios funestos e subversivos, e

D. Bosco, cujo coração tanto amava os pobres, pediu bens aos ricos, fundou officinas, resolvendo assim, pelos seus principios evangelicos, a monumental questão.

D. Bosco viu o perigo da mulher, tanto almejada pelas theorias perversas dos sectarios, nas escolas, nas fabricas etc. etc., e fundou uma congregação de irmãs educadoras que prestam-se tambem á assistencia da mulher nas fabricas.

Além d'isto: escolas agricolas, hospitais para doentes, missões en-



tre os selvícolas, assistência aos emigrantes, escolas de religião para adultos, breve: não houve necessidade que não intuisse, e attendendo, recolheu fructos sazonados e opimos.

Entre todas as necessidades porém, uma se destacava por importância: a regeneração da imprensa.

E *D. Bosco* julgou a imprensa digna de um apostolado, e digna ella era de tanta elevação.

D'ella, não ignoramos nós as antigas e novas culpas; não podemos acreditar porém, como muitos opinam, que fosse, ou seja, um damno religioso e social; pois, não se prestou sempre docil e prompta á defeza da verdade e ao incremento da virtude?

A imprensa como qualquer producto do engenho humano, como qualquer conquista da civilidade, desde o ferro ao telegrapho sem fios, é um grande beneficio, um grande progresso, e quantos a julgam pelos abusos, que d'ella, muitos fizeram, mostrariam não entenderem o que é a vida, e o que deve ser.

Quando devemos diagnosticar os males sociaes, procurar d'elles as causas, e proporcionar os remedios, não acceitemos o empirismo que entre nós tanto floreceu; como a sciencia medica do velho systema de extrair o sangue das veias, chegou á conclusão que os organismos envenenados do proprio sangue, devem-se combater, com culturas neutralizantes, postas no corpo doentio; assim a sciencia da vida, não pôde consistir em destruir as energias; mas sim na criação de novas; e si me for permittido uma nova figura, hoje que as ondas electricas superam os oceanos e os montes, e os raios x perpassam os corpos, podemos ter apprendido que no campo moral ou-

trosm, do estreito protecçionismo é mister passar á livre manifestação das idéas.

A imprensa nenhuma culpa tem dos males que se lhe attribuem.

Até agora produziu maiores males, do que bem, porque os filhos das trevas foram mais diligentes em usal-a, do que os proprios filhos da luz: livros, opusculos, jornaes irreligiosos e deshonestos, invadiram os mercados intellectuaes do mundo; e nós não podemos fechar as portas a esses productos; as idéas desconhecem barreiras.

Deve-se pelo contrario pôr nos mercados outros tantos livros bons. Tal é o que emana da obra de *D. Bosco*.

Elle teria podido percorrer as provincias e cidades todas da Italia, renovando a cruzada de «Gerolamo Savonarola» reunir nas praças montões de livros máus, e ao canto de psalmos destruil-os; santo protesto, não ha duvida; mas frustrado.

Centenares e milhares de machinas quotidianamente trabalhando, reproduziriam o livro, o opusculo, o jornal, queimados pelas chamas purificadoras, mais rapidas que as proprias chammãs; e *D. Bosco* julgou que outro caminho devia trilhar: apossar-se das machinas, contrangil-as ao serviço da verdade e da virtude, infiltrar nas aguas turvas da imprensa corruptora, as aguas limpidas e frescas da imprensa honesta.

E *D. Bosco*, n'isto, foi, em extremo, intuitivo.

Desconheço si até agora tenha-se feito uma estatística das produções typographicas salesianas; certamente seria eloquente; pois diria, pela evidencia dos algarismos, o immenso beneficio produzido.

Beneficio que se deve conside-

rar não tão só pelo effeito negativo que a propaganda de *D. Bosco* pôde attingir dissuadindo as intelligencias juvenis de abraçar idéas falsas e perniciosas: a educação não consiste unicamente n'isto: e se n'isto consistisse, seria ella insufficiente: no lugar das idéas destruidas, é necessario substituir outras idéas; as idéas verdadeiras, idéas rectas, das quaes derivam os factos bons: é necessario com a imprensa, como com qualquer outra forma de propaganda, attingir um effeito positivo. Talvez antigamente era sufficiente que o povo fechasse os ouvidos e os olhos ao mundo, não procurasse explicações a preço de sua preciosa ingenuidade; mas desde quando a instrucção começou a diffundir-se em ampla proporção, o educador christão devia sentir, como *D. Bosco* sentiu, a necessidade de enrobustecer as almas pela abundancia de um alimento sã, intellectual e moral; na verdade, mal providenciaria o pastor, que determinasse no seu rebanho pastar em um prado, no qual aservas sabe estarem envenenadas: e não procurasse franquear-lhe alhures, uma pastagem outrotanto copiosa, mas salutar.

E eis *D. Bosco*, escreve e publica; ao redor d'elle, pullula uma phalange de valentes publicistas, que, sem exporem-se no campo aberto das luctas quotidianas, pouco competitivo ao espirito animador do Instituto, alimentaram innumerables typographias, e espargiram no meio do povo, avido de leituras, livros de toda especie, aptos a alimentar a piedade como a recrear o espirito, a diffundir noções praticas e uteis, a fornecer os meios de uma seria cultura outrossim litteraria.

Certamente *D. Bosco* na imprensa, como em todas as suas inici-

ativas, nunca perdeu de vista a noção educativa: não erão para elle, os altos problemas da historia e da polemica, as polemicas ardentes, as exercitações artisticas e scientificas; nem quiz descer no meio das discussões modernas que apaixonam tanta parte da sociedade, deixou esta tarefa a outros, embora possuísse alta e vastissima intelligencia, limitou-se á formação das almas ao sentimento christão, perfeitamente conhecendo que, dest'arte, teria corrido a crear o ambiente no qual a imprensa mais batalladora encontraria as condições para viver.

Não sei o que *D. Bosco* faria se ainda vivo; isto é, si Elle alargaria os confins de seu campo de operação, sei que pelos annos em que viveu, annos de tamanha perturbação das intelligencias e das consciências, annos de escassas iniciativas, por parte dos catholicos, o tornar-se editor, teve a significação do tornar-se jornalista de S. Paulo, conforme a hypothese de Mons. Ketteler.

Nem deixemos uma outra reflexão: *D. Bosco* não só tornou-se editor, mas fundou entre os seus alumnos uma verdadeira e propria typographia, que já possui tradições honrosas; fez, isto é, da imprensa, não somente um instrumento de propaganda da verdade e moralidade, mas tornou-a instrumento de redempção para tantos derelictos, os quaes aprendendo sem perigo espirital, uma arte proficua, proporcionam-se honestamente o pão para a propria existencia.

Por isso todos que consagraram á imprensa, a parte melhor da propria actividade devem conhecer em *D. Bosco* um benemerito, benemerito porque com seus esforços, quasi divinos, reabilitou-a, santificando-a, aos olhos de muitos que não

podiam devotar-lhe as proprias sympathias, e porque demonstrou que a imprensa antes que ser enumerada entre as pragas do Egypto, attendia unicamente a applicação e os sacrificios dos bons para dar seus copiosissimos fructos de redempção intellectual, moral e social.

Hoje, o amor intenso que unenos ao grande Apostolo do seculo XIX, convida-nos a depositar uma coroa de saudades sobre seu tumulo e arranca-nos dos labios: *D. Bosco* foi o regenerador da imprensa!



Rio Cuiabá (Vista do porto)



HOMENAGEM E FESTEJOS PARA O
JUBILEU SACERDOTAL DO REVMO.
SEN. D. RUA ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○ ○

AOS COOPERADORES E COOPERADORAS SALESIANOS,
AOS ADMIRADORES E AMIGOS DAS OBRAS DE D. BOSCO

O DIA 29 de Julho de 1910 marcará para o Revmo. Snr. D. Miguel Rua o cincoentenário de sua ordenação sacerdotal.

Celebrou elle a sua primeira Missa na Igreja de S. Francisco de Sales do Oratorio de Turim no dia 30 de Julho de 1860, substituindo a D. Bosco; e ainda no mesmo Oratorio celebrará, como Successor do Ven. D. Bosco, em 1910, circundado pelas orações, augúrios e homenagens de todo o mundo catholico.

Preces, augúrios e homenagens que hão de significar a gratidão de todos os que em D. Rua e nas obras por elle dirigidas — durante o meio século de seu apostolado — acharam o paterno beneficio de uma boa palavra, de um conselho affectuoso, de um apoio efficaz, prompto, pratico e offerecido de toda a alma. Essa demonstração será por isso solenne e mundial. Os membros da Pia Sociedade Salesiana e os jovens abrigados nas casas salesianas de todos os continentes celebrarão o fausto acontecimento que será para elles *alegria e gloria de familia* exaltando na pessoa do Revmo. Snr. D. Rua o continuador das obras do Ven. D. Bosco.

Os *Festejos* começarão em Maio de 1910 por occasião das annuaes festas de Maria Auxiliadora e terão feliz desafogo no dia 24 de Junho, onomastico de D. João Bosco. Para este dia antecipará o Revmo. Snr. D. Rua sua Missa Jubilar, para melhor confundir o seu nome com o do Ven. Pae e para melhor patentear como nelle todos os Salesianos estão habituados a contemplar a figura de D. Bosco.

Mas os Salesianos — que não são os unicos a amar D. Rua — não devem e não podem ser sós nesta festa de gratidão; e por isso os Cooperadores, Admiradores e Amigos das suas instituições, residentes em Turim e assim mais chegados a D. Bosco e a D. Rua, constituiram *um Comité Promotor das homenagens e festejos a se realizarem por occasião do Jubileu Sacerdotal*.

E' vasto o programma que a *Commissão* intende executar: além dos es-
peciaes festejos religiosos e academicos em honra do Snr. D. Rua haverá

uma *Exposição das Escolas Profissionais Salesianas* do mundo, para demonstrar com solenne e tangível constatação dos factos, o que os Salesianos têm feito e fazem em prol da juventude, especialmente operaria, com o indefectível auxilio de seus benfeitores, sob a direcção do Sr. D. Rua. Durante o periodo dos festejos haverá *Concursos, Concursos desportivos musicas e philodramaticos* dos alumnos dos Collegios Salesianos, quer para communicar as ideas, quer para reforçar os vinculos fraternaes, como tambem para levar a publico um como retrospecto da educação e instrucção que se fornece nos Collegios Salesianos.

Basta acenar de relance, e subitamente se agiganta a idea. E' portanto necessario que todos os Cooperadores tomem viva parte ao tão importante acontecimento; e para isso constituam *Commissões Nacionais* em relação immediata com os collegios salesianos locais e se preparem a partilhar essas homenagens e festejos ao Revmo. Sr. D. Miguel Rua:

1) *Organizando uma subscrição nacional de adhesões e offerlas a fornecer o obolo para a Missa Jubilar que será apresentado ao Sr. D. Rua nessa occasião*

2) *Enviando a Turim á Comissão Promotora as saudações ao homenageado levando as assignaturas dos membros das Commissões Nacionais com a offerla recolhida.*

3) *Promovendo uma Conferencia illustrada das obras do Ven. D. Bosco e uma Sessão Commemorative de commum accordo com o Collegio Salesiano local.*

A Comissão Promotora de Turim confia na Caridade e Benevolencia dos Cooperadores a quem envia este appello fraterno, e cre' que no fausto dia da *Missa Jubilar*, se acharão presentes com espirito e alegria o Sr. D. Rua todos os Cooperadores, Amigos e Admiradores das obras de D. Bosco, hoje dispersos por todo o mundo.

COMMISSÃO PROMOTORA

TURIM.

Presidente: Barão D. Antonio Manno

Vice-Presidentes: Marquez Alessandro Corsi

Conde Emiliano della Motta

Monsenhor Domingos Mariana

Padre Philippe Rimaldi S. S.

Secretarios:

Adv. Xavier Fino

Prof. Pedro Grilbaudi

Sac. João Minguzzi.

QUADRAS

(A minhas irmãs.)

*Purpureo o sol levanta-se
A terra illuminando,
A terra, que louvores
A Deus passa cantando...*

*Das borboletas viciadas
No prado o bando airoso,
Sugam das flores roridas
O nectar delicioso.*

*Cantores mil aligeros
Chilream nos pulmões,
Celebram seus amores
Adoçam-me os penares.*

*Dos montes desce rabida
Corrente christallina,
A flora fecundando
E a candida bonina.*

*Ao longe rôla innocua
Ledos amores canta.*

*E o sabid das mattas
Ternamente descanta.*

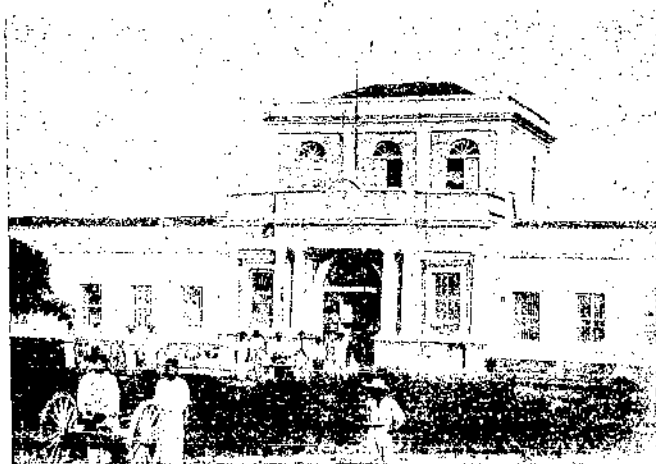
*Tudo é luz, tudo musicas,
Tudo affectos respira,
Puros, santos amores
Que paixão má não inspira.*

*Louvor, respeito e gloria
Da natureza o hymno
Ao Creator eleva,
Ao Creator tão dino.*

*E o vate então enleva-se
E com a natureza
Ao Deus tres vezes santo
Celebra com firmeza...*

Cuiabá, 24—XI—09

Alves Corrêa.



Arsenal de Guerra - Cuiabá

Ricardo Franco

A ampulheta do Tempo marca hoje mais um anniversario do passamento do Coronel do Real Corpo de Engenheiros Ricardo Franco de Almeida Serra, fallecido a 21 de Janeiro de 1899, aos 61 annos de idade, quando se achava no Forte de Coimbra na qualidade de Commandante Geral da Fronteira do Paraguaí.

Tendo vindo para esta então Capitania em principio de 1782, como membro da terceira commissão de limites, a ella consagrou o melhor da sua actividade e do seu saber.

Cuiabá, que o estimava, só soube desse luctuoso acontecimento, que enchen todos os corações do mais profundo pezar, trinta e oito dias depois, exactamente na occasião em que era anciosamente esperada a noticia, senão do seu completo restabelecimento, ao menos de haverem-lhe aproveitado os soccorros de que um cabo de auxiliares fôra portador.

O Governador João Carlos Augusto de Oynhausen de Gravenberg, amigo e admirador de Ricardo Franco, em quem encontrára, bem como os seus antecessores, um poderoso auxiliar, participando ao Ministro D. Rodrigo de Souza Coutinho essa triste nova, deixou á evidencia quão profunda foi a magua que tal facto lhe causou.

Assim se exprimio:

«Tenho o sentimento de participar a V. Ex.^a que o serviço de S. A. R. acaba de experimentar humo sensível perda pelo fallecimento do Coronel do Real Corpo de Engenheiros Ricardo Franco de Almeida Serra.

Esse official terminou a sua carreira de gloria que o illustrarão os brillantes serviços que elle fez nesta Capitania no dia 21 de Janeiro do presente anno, e no recinto das mesmas muralhas do Forte de Coimbra, que em 1801 elle defendeu com o maior brio e valor contra o General Hespanhol D. Lazaro da Ribeira, jazem agora as cinzas deste benemerito official.

O zelo, a intelligencia, e conhecimentos que o distinguão, os serviços feitos a S. A. R., e finalmente os sentimentos de piedade que acompanharão a sua agonia, e a particular amizade com que eu estimava este honrado official, são outros tantos titulos que justificão a magoa com que faço esta participação a V. Ex.»

Deixou aquelle official dous filhos, Augusto Martiniano e Ricarda Maria, aos quaes constituirá seus herdeiros: para garantir-lhes a subsistencia ordenou o Governador, em portaria de 1 de Março, que a Provedoria Commissaria entregasse mensalmente, «de preferencia a qualquer outro pagamento,» ao Pa-

dre Antonio Tavares da Silva, tutor dos menores, a quantia de vinte oitavas de ouro.

Não satisfeito com essa prova de reconhecimento, e querendo honrar a memoria do valente defensor de Coimbra de modo condigno ao seu merito, concebeu desde logo o dito Governador a ideia de faser transportar para a Capella de Santo Antonio, em Villa-Bella, os seus preciosos restos.

De facto, em Junho do anno seguinte sahia de Coimbra em uma canôa o cabo de esquadra da Companhia de Dragões Paulo Pires do Amaral, com quatro soldados da mesma Companhia, em direitura ao Registro do Jaurú, conduzindo os ossos de Ricardo Franco.

De um officio do Coronel Antonio José Rodrigues, datado de Villa Maria, vê-se que chegára em fim de Julho ou principio de Agosto a dita canôa, a qual immediatamente seguiu para o Jaurú.

Deste ponto ao Buriti foram os ossos conduzidos ainda pelo mesmo cabo Paulo Pires, e dali á Villa-Bella pelo Capitão Francisco Sales de Brito, acompanhado de uma partida de cavallaria.

«Virá em boa ordem, determi-

nára o Governador em portaria de 18 de Julho, de Villa-Bella, como compete a esta lugubre cerimonia: em passando o Cravari mandará um soldado adiante avisar o Sargento-Mór Commandante Geral, e se encaminhará em direitura para a Capella Real de Santo Antonio desta Capital.»

Finalmente, a 24 de Agosto de 1810 foram dados á sepultura na mesma Capella, os restos daquelle benemerito Varão, que durante 27 annos prestára a esta terra, que adoptára por patria exclusivamente, os mais relevantes e inolvidaveis serviços.

Para perpetuar a sua memoria, para ensinamento do povo, que não sabe, do povo, que não lê, existem, nos confins do Estado uma serra que a Commissão demarcadora de limites com a Bolivia denominou "Ricardo Franco", e nesta Capital uma placa com o seu nome glorioso. E só.

E até o seu tumulo já foi violado: ali teve sepultura a 13 de Junho de 1895 um commandante do destacamento da cidade!

Cuiabá.—21 de Janeiro

Estevão de Mendonça.



NO SILENCIO...

*Doce, como um olhar querido, a lua esplende,
e um mystico sussurro espalha-se em surdina...*

*Um anjo somnolento as estrellas accende
—lampadários gentis da morada divina...*

*Voltam co'a noite a paz, a quietação, a calma,
como, após a procella, uma doce bonança,
como succede á dôr a alegria e, em nossa alma,
ao desconforto o amor, á inquietude a esperança.*

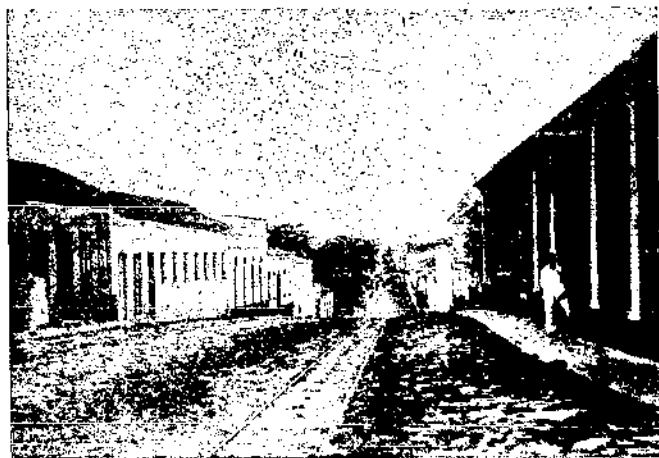
*Quando a arraiada vier e os grandes céus escampôs
de sua luz de rosa inundar, para o oriente;
e os pombos, tatalando as azas pelos campos,
cortarem, em revoada, a immensidão albente;*

*quando a manhan nascer e o tumultuar da vida
com ella retornar, eu ficarei tristonho,
com saudades, talvez, da luz calma e sentida
duma estrella que vi a brilhar no meu sonho...*

*Eu amo a noite assim, placida e bemfaseja,
ella é asylo ao soffrer e conforto ao pezar...
Em horas de soffrer quem é que não deseja
na solidão da noite a dôr desabafar?*

S. Paulo—1909

José Mesquita.



Rua 13 de Junho—Curitiba

O Jornal do Commercio e Ferrer

O anarquismo tem levado a ferro e a fogo de surpresa a sociedade, matando e exterminando pela dynamite ou pelo punhal presidentes de república, reis, ministros, incendiando conventos, massacrando freiras, frades e padres; quando, porém, seus adeptos são prazos em flagrante, como no caso Ferrer, revoltam-se. Assim elle se arroga o direito de matar e nega ao poder publico que age em defesa da sociedade sacrificada, esse mesmo direito. A carnificina de Barcelona, o saque, o incendio dos conventos, das igrejas e morte de freiras inoffensivas foram instigados pelo libertario Ferrer.

Eis o que a respeito escreve o Jornal do Commercio, do Rio de Janeiro.

« Realisa-se hoje a annunciada manifestação de protesto contra o fuzilamento do agitador hespanhol Francisco Ferrer.

Por mais amor que tenhamos aos principios liberais e por mais perfeita que seja a nossa comprehensão do espirito de solidariedade, tão necessario ás causas de justiça que possam interessar á humanidade, não vemos, no caso particular de que se trata, nenhum motivo para que a sociedade brasileira conservadora por indole e sempre sinceramente amiga da ordem, que é o proprio fundamento da civilisação, deva participar dos clamores suscitados em favor da victima nos centros radicaes de Pariz e Roma.

O fuzilamento de Ferrer foi um acto regular determinado pela justiça hespanhola, de accordo com as prescripções legais que alli regem a materia.

Nós outros brasileiros não adoptamos a pena de morte, mas não temos o direito de recusar aos outros povos o emprego desse meio de punição para os criminosos que a lei entender castigar assim. São questões de ordem interna que só podem ser resolvidas pelo criterio das respectivas nações.

O temperamento latino é salubridamente propenso a toda sorte de sentimentalismo, não sendo pois de estranhar a exploração que se está fazendo na França e na Italia em torno do caso do fuzilamento de Ferrer.

Ninguém se recorda mais dos horrores de que foi theatro a cidade de Barcelona, a pilhagem de-

senfreada alli desenvolvida pelos libertarios, os incendios de asylos e conventos, o morticínio de innocentes que não mereceram então nenhum movimento de revolta e indignação da parte dos que hoje se levantam contra a suppressão pelas armas do principal instigador daquellas selvagerias e daquelles despropositos.

Quando um individuo se põe fóra da ordem social vigente e praga, sem rebuços a anarchia como um regimen ideal, fundando escola para ensinar o amor livre e o odio á patria, não deve esperar que a collectividade se mantenha inerte diante dessas idéas subversivas. Atacada desse modo, a sociedade muito legitimamente se defende.

Admitte-se o doutrinario, por mais extravagante que seja, mas seria absurdo que as nações capitulassem diante da propaganda pelo facto.

A desordem nunca foi uma condição de progresso; este só se effectua pelo desenvolvimento pacifico das idéas e pelo exercicio efficaz do trabalho.

A repartição desigual dos bens não se modifica por attentados violentos nem a chimera morbida do meia dúzia de sonhadores sem entranchas lúidas prevalecer contra os interesses da humanidade inteira.

O movimento que se quer fazer no Brasil em favor do supposto martyr é um movimento artificial, sem base no conhecimento exacto do que se passou na Hespanha.

Até bem pouco tempo quasi ninguém sabia aqui quem era esse esperto financeiro inimigo do capital. Bastou, porém, que da metropole franceza e da capital italiana partissem alguns braços de protesto contra a applicação da pena para que logo o clamor generoso ecoasse nesta banda.

Não se trata nem de um sabio como Réclus, nem de um escriptor como Kropotkin ou como Sebastien Faure; trata-se de uma figura vulgar, com um passado mais ou menos equivooco e accusado de uma longa série de crimes em cuja analyse e indagação não queremos nem precisamos entrar.

Colhido em meio de uma revolta que armara e dirigira, julgado pela lei marcial, cuja decretação se tornara necessaria na circumscripção de Barcelona, como medida de salvação publica, Francisco Ferrer, cuja historia ainda hontem nos

contava nestas columnas um illustrado parlamentar hespanhol, não deve ser considerado senão como uma victima de si mesmo.

Só por pilheria se pôde attribuir o seu fuzilamento a uma machinação das forças reaccionarias.

Como quer que seja, não cabe ao Brasil immiscuir-se nesta questão.

A prova de que o fuzilamento do « professor » não foi a monstruosidade que se quer pintar agora, é que as grandes folhas americanas se conservam indifferentes diante do facto. Os proprios jornaes socialistas de Berlim não verberam nada, e a imprensa ingleza, sempre sensata e criteriosa, mantem uma prudente reserva, tendo

mesmo o « Daily Telegraph » considerado o que se está passando como um grave symptoma de desorganisação social.

No Brasil, não ha muito tempo, foram fuziladas, sem forma nem figura de processo, muitas pessoas innocentes da revolução que imperava.

Ninguém na Europa protestou contra isso. Alguns dos responsaveis por esses crimes nefandos ahi estão, exercendo funcções publicas, e pessoa alguma se lembra de malsinal-os.

Deixemos a Hespanha com as suas luctas e tratemos de nós e de nossa casa, onde ha muito a fazer em bem da ordem, do progresso e da felicidade de nossos compatriotas ».



Meditação

*E' noite. Lá fora soluç a brisa,
Dos mangueiraes as folhas farfalhando;
Em demanda de além tardio bando
De marrecas n'azul do céu desliza!...*

*Já do luar a luz frouxa agonisa...
Pelas ruas estão os cães ludrando.
Tudo dorme... minh' alma segredando
Do silencio o mysterio então pesquisa!...*

*Gosto estar assim, longe o borborinho
Do mundo enganador... negro... fatal...
Que nos guarda sem dó laureis d'espinho!...*

*Apraz-me muito esta mudez campal...
Vêr o gado mugir pelo caminho
E ouvir do gallo o canto festiva!...*

Aquidauana, Outubro de 1909.

João Nunes da Cunha.

A França e a Igreja

EM França está dando o episcopado formosos exemplos.

O eminentissimo Cardeal Andrieux tem recebido as felicitações e a adhesão do seu cabido metropolitano e de grande parte do clero da sua diocese, pela sua firmeza apostolica na perseguição que está soffrendo debaixo da capa da legalidade.

Outros Prelados estão soffrendo os mesmos vexames; e dando o mesmo exemplo da fortaleza episcopal.

Oíçam como falou Monsenhor Laurans, Bispo de Cahors, no tribunal correccional, a 17 de Maio proximo passado.

«Senhores juizes, entrando neste tribunal procuraram meus olhos naquella parede a imagem do divino Crucificado, meu senhor e vosso tambem.

Mas desappareceu de lá: a religião não é admittida no pretorio e a justiça parece que tem vergonha de dar as suas sentenças debaixo dos olhos de Deus.

Disse mal que a religião não entra no pretorio: entra, sim, mas não como inspiradora, senão como ré, entra como o Bispo da diocese e dez de seus padres, que bem poderiam ser quatrocentos e sessenta, que todos commeteram o mesmo crime.

Mas, embora esteja ausente a imagem de Christo, Deus está presente, e diante d'Elle, antes de qual-

quer cousa, faremos este acto de fé: Por Deus estamos no banco dos accusados: Viva Deus!

O delicto é ter-se lido do pulpi-to uma carta pastoral. Ora, se não ha liberdade para cartas pastoraes, que é feito da liberdade de cultos inscripta na lei da separação? Será uma mentira como tantas outras?

A liberdade das cartas pastoraes não é um privilegio: é o direito Commum.

Então num tempo e num paiz onde se permite a publicidade dos productos de imaginações licenciosas e as aberrações de mentes desequilibradas, só um Bispo não poderá prevenir com a voz e com a pena os seus filhos espirituaes contra a irreligião e a immoralidade?

A Igreja vive: a sua vida não depende de nenhuma lei ou vontade humanas: ora uma das manifestações principaes de sua vida é ensinar. Ella ensina não em virtude de leis ou diplomas, mas em virtude d'uma missão divina: e ensina por meio do Papa, dos Bispos, e dos padres.

D'aqui reconheceréis, senhores juizes, que as cartas pastoraes do vosso Bispo não são da vossa alçada, e que erguerem-se os diocesanos a julgar a doutrina do seu prelado é derribar toda a jerarchia.

Posso portanto, sem nenhuma temeridade, declarar aqui que não

tendes auctoridade nenhuma para qualificar a doutrina de minhas pastoraes.

Questões religiosas são de minha competencia e não da vossa, e sem faltar á consideração que vos devo, tenho direito de declarar-vos que aqui mesmo sois meus diocesanos. Em quanto me julgardes por um acto episcopal, fico sendo vosso Bispo, e tratando-se de doutrina christã para a minha diocese, o juiz aqui sou eu.

Nesta qualidade de juiz da doutrina condemnei alguns livros e algumas escolas, e aqui mesmo á face de todos, renovo a minha condennação; e qualquer que seja a vossa sentença, a que fica valendo é a que eu proferi na minha pastoral, e os livros e as escolas que condemnei, estão e ficam condemnados.

Tudo é excepcional na causa que ides julgar. O accusado não sómente não nega o facto senão que toma d'elle toda a responsabilidade e mais a responsabilidade dos dez padres que são accusados com elle,

e dos quatrocentos e sessenta que não foram traduzidos aqui e praticaram o mesmo acto de publicar a pastoral do seu Bispo.

Ides absolver-me ou condemnar-me. Se me absolverdes não faltará quem admire o vosso animo, porque nestes nossos tempos é preciso ser animoso para ser justo.

Circumstancias attenuantes e suspensão da pena, são cousas que eu não peço, essas attenuações são boas para gente moça e eu tenho sessenta e sete annos: boas para imprudentes e eu premeditei bem o meu acto: boas para arrependidos e eu não sinto arrependimento nenhum.

Se me condemnardes, a condemnnação traz sempre consigo mancha e deshonna ou para o sentenciado ou para o sentenciador: da minha honra estou certo que não soffrerei menoscabo, e da vossa não me compete tratar.»

Este santo prelado é daquelles que repetem sempre: «Deus fortitudo mea!»



Rua Pedro Celestino — Curitiba



SECCÃO AMENA

O RECRUTAMENTO

CORRIA o anno 18... quando o Brasil achava-se empenhado naquella famosa guerra do Paraguay. Ainda não terminada a lucta com a Republica Oriental, apparecera-lhe subitamente esse novo inimigo, bem armado, temerario até o fanatismo, e com isso embaraços quasi insuperaveis. Para defender essa enorme extensão de fronteira que vae de parte do territorio de Matto-Grosso até os limites occidentaes do Rio Grande do Sul, não erão absolutamente sufficientes as tropas regulares. Bem o comprehendera o patriotismo dos brasileiros, e foi assim que se organisaram tantos corpos de voluntarios que partiam para o sul, onde o javieto Osorio, com a suggestão de sua bravura mais do que com exercicios militares, transformava-os em soldados aptos para os combates, enquanto outros avançavam pelos inhospitos sertões de Matto-Grosso. Mas, a organização dos corpos de voluntarios além de não ser cousa regular era tambem muito morosa, e não pôdia o governo confiar apenas nessas forças para preencher os claros do exercito e crear novos corpos de combatentes.

Foi-lhe pois necessario decretar o recrutamento forçado nas provincias do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas. Infelizmente alguns encarregados da execução dessa medida desenvolveram verdadeira perseguição, usando ou abusando de poderes discretionarios para arrancar filhos unicos a pobres mães viúvas e sem outro arrimo, enquanto deixavam de parte os abastados que lhes offereciam certa quantia pelo proprio resgate, e os desordeiros cuja prisão era muito perigosa.

Foi por esses lamentaveis abusos de autoridade que se tornou tristemente celebre lá num canto da provincia de Minas, na villa de *** e suas freguezias o Capitão Torres, então Delegado Torres, portuguez cuja fama de antigo feitor de escravos era a de um tyranno e de *Capitão do Matto*, o chefe de uma turba de canibaes. Acompanhado de uns dez individuos, rondava noites inteiras, varejando casas, maltratando pobres mães que haviam occultado os filhos; por toda parte espalhando a desolação e o terror.

Esperava-se a qualquer hora uma investida ao povoado do Espigão. Logo ao cahir da noite as casinhas fechavam suas portas, apagavam-se e emmudeciam. Os moços iam se occultar nas lapas que ficam no sopé dos montes, vigiavam toda a noite, sentados ao redor do fogo que accendiam para alliviar a frieza das grutas. Como haviam de dormir, se as lapas poderiam ser atacadas quando menos o esperassem, e sabendo que lá no povoado tambem suas mães velavam com o coração não menos cheio de cuidados?

Num estreito valle formado por duas serras altas e vestida de espesso mato, á beira do caminho que vae da villa ao povoado do Espigão, estava a casinha do Rosa, uma casinha muito branca e muito branca, emergindo da verde relva sempre tapada pelo gado que pascia por aquellas bandas. Seu pequenino terreiro coberto de areia finissima, muito clara, era sombreado por um grande pé de sempre-lustrosa cuja ramada se apoiava sobre velhos esteios de uroeira. A quem olhava de longe aquel-

le conjuncto parecia flores vernuehas pendentes das bordas de um vaso de louça alvissima.

Alli, as tardes eram muito mais graves e melancolicas, as noites muito mais escuras e frias do que no vislho povoado; entretanto, Rosa com seu filho, um bello moço de vinte e dois annos, e uma orphãsinha que adoptaram como filha viviam tão felizes e alegres naquella retiro. Até bem poucos dias sim, agora não. O nome do Delegado Torres tinha ido perturbar a paz d'aquelle pobre lar, como um preunio de desgraças.

Numa dessas noites caladas e tetricas, quando tudo parecia dormir quem se encostasse á porta d'aquella casinha ouviria uma voz supplicante de mãe afflicta dizer a seu filho:

— José! que imprudencia a sua! Quando todos os moços procuram se occultar nas lapas, você teima em ficar aqui perto de mim? Si vier a escolta e o prender, quem hade amparar depois a sua mãe?...

— Deus, mamãe; elle sòmente...

— Mas, pretende lutar com a força? Peior ainda: depois não ponpariam nem a mim nem a essa criancinha. Entregar-se? de certo eu o não veria mais nunca...

— Não, não pretendo resistir nem me entregar. Eu mesmo não sei o que vou fazer: Deus m'o dirá na hora do perigo. Mas, abandonar-vos? nunca... não posso...

— Meu filho, escute: é verdade que pela lei você está isento do recrutamento, mas, nós vemos como se respeita a lei...

Ouvem-se passos accelerados de pessoas que parecem circumdar a casa: logo depois duas estocadas na porta, e treveja uma voz meio rouca e profunda:

— Dona da casa, abra a porta por ordem do Delegado!

— Sim, disse uma voz tremula de mulher, eu vou abrir, mas sabeí que aqui mora uma pobre viuva com seu filho unico...

E, banhada pela claridade da sala, apparece na porta a figura sinistra de um homem baixo, grandes bigodes pretos, o cenho carregado, olhar feroz, grossas mãos peludas segurando espada e pistola. Entra na sala, seguido por diversos outros que se precipitam pelos

aposentos tomando todas as saídas: dá voz de prisão ao moço, que desfallece quando dois esbirros agarram-no pelo braço. Rosa soffre um tal abalo que que nem vê quando a orphãsinha escapa-se pela porta da sala, gritando como louca e desaparece. Está assistindo, munda, como que indifferente aos esbirros que maltratam seu filho desfallecido, amarrando-o como a um facinora.

— Não podemos carregar este homem: diz o delegado, é preciso esperar que elle se reanime. E os subordinados ladearam-no, sentados pelos bancos e pelo chão.

Agora a pobre mãe chorava amarguradamente.

Tinha apenas acabado de fechar a porta por causa do frio da noite, quando ouviram fora uma vozinha muito fraca e fanhosa:

— Deus esteja nesta casa!...

Entrecolham-se todos admirados do que ouviam. Quem não conhecia aquella vozinha fraca e suave; qual o morador d'aquellas beiradas que se não habituara a ouvil-a e a respeitá-la?

— Como é? Abre ou não abre. Patrão? disse um sujeito que estava agachado perto da porta. O delegado fez signal que sim e a porta foi aberta. Toda a turba se levantou para receber o recémchegado.

— Deus esteja nesta casa! repetiu com um sorriso doce o Padre Matheus, mais conhecido por «Padre Velho», porque: de facto, toda gente o conhecera sempre com seus cabellos brancos e meio compridos, seu nariz recurvado, seu queixo pontegado, sempre calçando uma botina já muito usada e um chapéo raso e descorado.

Trazia pela mão a criança que fugira no momento da prisão, e apenas foi entrando dizia:

— En logo vi que era o Compadre Torres que andava por aqui: uma rolinha fugindo espantada do seu ninho...

Comquanto aquella presença despertasse alguma esperanza no coração de Rosa, ella apenas beijou-lhe as mãos, molhando-as de lagrimas sem poder dizer mais nada. Padre Velho dirigiu-se logo para onde estava o preso, sacudiu-o, chamou-o. Tanto fez que conseguiu velo sentado em um banco onde se sentou tambem. Todos guardavam silencio: só fallava aquelle velhinho.

—Rôla, disse elle á menina, venha ajudar Padre Velho a desatar esta corda. E procurava as pontas da corda para desfazer os nós.

—Ande, Sinhá; não tenha medo. Vem ajudar Padre Velho que está com as mãos duras de frio.

A menina, hesitando, olhando sempre para o Delegado, aproximou-se a custo, e os nós iam se desmanchando.

Era preciso responder á interogação dos olhares de todos aquelles homens da escolta, muito surprehendidos com o que se estava fazendo.

—Pois o Delegado Torres, pareciam dizer, sempre tão valente e inexoravel, deixa que lhe soltem o preso?

Era preciso responder, era preciso dizer qualquer coisa.

—Que está fazendo, Compadre? disse o Delegado, mordendo os bigodes. Não é a primeira vez que o Senhor me faz d'essas...

—Não se assuste, Compadre; desta vez solto um mas offereço outro em seu lugar.

—O Senhor está sempre gracejando com a gente...

—Ora, o Compadre Torres não acredita mais em mim!! Hade ver; solto uns braços e entrego outros já e já...

—Braços de quem?...

—Veremos, Compadre. Não costumamos faltar á verdade.

E os nós iam sendo desmanchados, e as voltas da corda cabindo no chão. Quem teria coragem de obstar o que se estava praticando? Quem terá cõbração para ameaçar ao menos a um santo velhinho e a uma criancinha angelica? Tanto mais quando a criança é uma infeliz orphãzinha, e o velho o compadre muito querido de todas as mães, o padrinho respeitado de todos os moços, o virtuoso ministro do Senhor.

Acabado aquelle trabalho, Padre Velho toma nas mãos a corda, dirige-se a um dos moços que acompanhavam a escolta e juntando os bracinhos magros, diz:

—Olhe, amarre esses braços.

—Deus me livre! Nossa Senhora!... disse o moço pondo-se de pé.

Apresenta-se a um outro:

—Vamos, Filho, amarre!

—Que é isso, meu Padrinho? Nem que me maldom!... disse, levantando-se tambem, no que foi imitado por todos,

menos Rosa e seu filho que choravam ajoelhados aos pés de Padre Velho.

—Mas, ninguém quer me amarrar? Nem mesmo o Compadre Torres?... Então fazendo pouco caso do pobre velho: pois o Capellão tambem presta serviços no exercito. Minha mãe já morreu; eu não tenho mais ninguém que precise do meu auxilio. Estou cumprindo a minha palavra... Pois então acham que eu não amo muito o Brasil e o Imperador?...

Estavam todos silenciosos. O Delegado sempre a morder o bigode e... nada mais. Padre Velho continuava a falar muito pausadamente, levantando um pouco o chapéo sempre que proferia o nome de Jesus; e proseguiria ainda por muito tempo, contando toda a historia commovente de um moribundo que acabava de visitar lá no Espigão, si alguém não viesse advertir que era tempo de continuar viagem para a villa. Benedicto seu velho escravo e pagem, todo embrulhado numa baeta vermelha appareceu na claridade da porta:

—Vam, Nhenhô! Negu tá duro de frio...

—Tem razão, Benedicto. Vamos todos! Vamos minha gente!... Comadre fique em paz. Adeus meninos! Deus o abençoe... Deus o abençoe... P'ra sempre seja louvado!...

Logo depois emmudecia de todo a casinha de Rosa, conservando ainda por algum tempo a porta escancarada, como que boquiaberta, pelo que tinha presenciado.

Ouvia-se então um *Upa!* muito conhecido de todos, e Padre Velho, com a parte superior do corpo em vaivens profundos e compassados, para acompanhar o passo vagaroso da alimaria, sumia-se com a escolta na escuridão do valle.

(Fim.)

H.



Roteiro da navegação

10

Rio Paraguai

desde a cidade de Assumpção até o Paraná

PELO CAPITÃO DE FRAGATA DA

ARMADA NACIONAL E IMPERIAL

AUGUSTO LEVERGER

(Barão de Melgaço)

Publicação feita sob a direção de

ESTEVAO de MENDONÇA

III PARTE

(Continuação)

Terça-feira 7 de Julho

Manhã 4. h 35. Sahimos. Tempo muito claro. Calma.

Com 1.^o 9 de andar a N. hum pouco para E. chegamos á ilha do *Aracá* que tem quasi 1.^o 5 de extensão de S. a N. A madre do rio he pela margem esquerda. mas o canal do chaco que seguimos he também fundo e tem 30 e mais braças de largura.

Depois de passada a ilha andámos mais 4.^o 2 a rumos de NNO a ESE e, passando neste intervallo o barranco de Aguaraquay no chaco, e hum Piquete que lhe fica fronteiro, chegamos ao Piquete Timbó, onde dizem alto, e observei a Latitude de 23°55'37".

Manhã 11. h 40^m. Até a ilha arvoreda em ambas as margens, acima d'ella o barranco de Aguaraquay com muito curva e pouco mato. A margem oposta he baixa e cuberta de salgueiros e alizios.

Tarde 1.20. Seguimos viagem com o mesmo tempo. Therm. 74.^o o vento que principia no nascer do sol a soprar de Leste, foi refrescando.

Andamos 3.^o 2 a Leste hum pouco para N. e chegamos á Guarda de Pajá, costeando o barranco do mesmo nome. Mato em ambas as margens. Ha neste intervallo hum grande banco que se estende quasi até o meio do rio; está presentemente debaixo de agoa; o canal he pelo lado do chaco. D'aquí vê-se a foz

do Rio Vermelho a N. 21.^o O. em distancia de 3 millas.

Navegando 0.^o 4 a NE. e N. e passando a boca de hum grande bahia na margem esquerda, deixámos á nossa esquerda a madre do rio, por onde descermos, e em que vem affluir o mencionado Rio Vermelho, e fomos subindo por hum braço que tem 10^o a 150 braças de largura; por espaço de 1.^o a ilha he muito raza e com pouco mato; a margem esquerda do rio he também pouco elevada, e termina-se por huma praia. A esta distancia o braço descreve hum curva semi-circular de S. a N. por E. pelo espaço de 1.^o 4; no fundo d'esta resaca está o Piquete Vado. O barranco da esquerda tem como 11 1/2 braças de alto; e a ilha he também elevada e cuberta de arvoreda.

Tarde 5 h. 23^m. Pernoitámos n'hum ludo capão na extremidade da dita curva.

Quarta-feira 8 de Julho

Manhã 3. 15. Sahimos. Tempo muito claro. vento N. E. fresco. Therm. 60^o.

Logo ao sair passamos pela boca de hum bahia na margem esquerda, e navegando 1.^o 5 a rumos de Leste a N.E., deixámos o braço em que entámos hontem de tarde. Com andar de 1.^o ao rumo de E. hum pouco para S., e pela margem esquerda, passando a boca de dois pequenos braços do Paraguay, que vão juntos desaguar na bahia que acabo de mencionar, chegámos a hum barranco quasi vertical. alto de 31 2 braças e passando em algumas partes pelas agoas que nelle abríão mais ou menos largas sangas. Abeirando o dito barranco por espaço de 2.^o 0, a rumo de E. chegámos á Villa do Pilar, edificada na sua extremidade oriental.

A margem oposta ou do chaco, que costeámos desde que voltámos á madre do rio, he baixa, cuberta de capim, e em algumas partes de mato carrasquenho.

A Villa do Pilar, posto que a mais importante de todas as povoações que se vêem na navegação da Assumpção para baixo, nada tem, no seu aspecto, que attrahia a attenção; nenhum edificio notavel, e tão sómente algumas casas terreas, baixas e quasi todas cubertas de palha.

Defronte da Villa ha huma ilha de 0.^o 6 de comprimento que faz um canal de 70

a 80 braças, pelo lado da margem esquerda, sendo o do chaco mais largo, e tãobem assaz profundo. O Porto he abrigado de quasi todos os ventos, e aberto tão sómente aos do quadrante de N.O. Vimos surtos nelle 2 embarcações Orientaes e 3 Paraguayas.

Adiante 0,^m5 passámos pela foz do riachão Nhembucú que tem 20 a 25 braças de largo. Logo acima, deixámos a madre do rio por onde descemos, e navegando a XNO. n'hum braço que costêa a margem esquerda, com o andar de 0,^m7 fizemos alto.

Manhã 11.h 45^m. Observei a Latitude de 26°49'56"; porem o vento estava muito fresco e perturbava a observação, que considero como hum pouco duvidosa.

Ao entrarmos no braço passamos pela boca de huma grande bahia, que pela margem esquerda se dirige a E. bordada pelo lado meridional por hum alto barranco, cuja ponta de tosca abeira o rio. D'ahi para cima a costa he baixa e alagadiça, e bem assim a ilha que lhe fica fronteira.

Tarde 1.33. Tendo-nos alcançado o Lanchão Paraguay, que eu mandára com o official men immediato aportar ao Pilar para de minha parte comprimentar

o Commandante, seguimos viagem com bom tempo, e vento N.E. fresco.

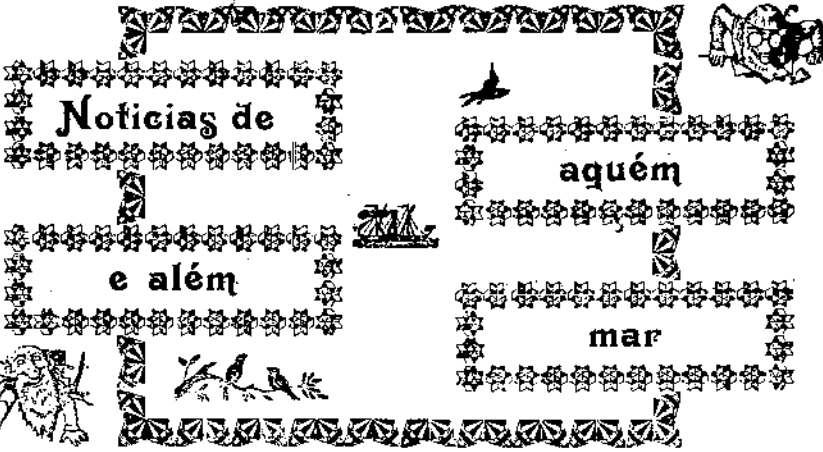
O braço que continuámos a seguir chama-se de Juquirí, por ser a margem do rio vestida de arbusto espinhoso d'este nome; dá humas tantas voltas. Com o andar de 2^m,6 sahimos d'elle, e logo chegamos ao barranco de Gadêa, que abeirámos por espaço de 1^m,5 a rumos de ESE. a ENE. Este barranco he em partes vestido de arvoredo, em outras he campo limpo: a Guarda do mesmo nome está situada quasi na sua oriental extremidade. Adiante 1^m,8 a NE. passamos pela foz do Arroyo Montuoso, que corre entre altos barrancos, e com mais (Tarde 6h. 30^m.) 0^m,6 ao mesmo rumo fomos pernoitar na boca da bahia onde pernoitámos na descida no dia 2 do corrente.

A costa do Chaco que tivemos á vista esta tarde he cuberta de arvoredo, e vê-se n'ella, fronteira ao espaço que medêa entre a Guarda de Gadêa e o arroyo Montuoso, a boca de huma vastissima bahia que se estende para SO.

Bom tempo, vento NE. brando, Therm. 76°.

(Continua)





Noticias de

e além

aquém

mar

De Corumbá

Nesta legendaria Corumbá, revestiu-se de sensacional entusiasmo a festa do dia 19. de Novembro ultimo, em homenagem á bandeira nacional.

Ao meio dia em ponto, reboando as estridentes salvas de artilharia, hastearam-se, sobre os porticos dos edificios publicos, quartéis, agencias consulares e collegios, galhardos pavilhões brasileiros.

O ponto central dos festejos foi o Collegio "Santa Thereza", onde, ás 5 horas p. m., acharam-se reunidas as diversas corporações escolares masculinas e femininas, com os bellos distinctivos das cores nacionaes. Então, o intelligente jovem Timotheo Rostey, alumno do Collegio "Santa Thereza", proferiu, em nome de seus collegas, uma elegante e patriótica allocução relativa á solennidade hodierna, concitando o juvenil auditorio — a patria d'amanhã — ao verdadeiro amor patrio, que se aninha nas vastas dobras do pendão au-riverde. «E como a esperanza da patria, disse entre outras coisas, é a mocidade da escola, porque o porvir della prende-se ao desenvolvimento intellectual-moral, que emana do fectio abençoado dos estabelecimentos de ensino, urge que compunhos do fundo peito o hymno diaphano da nossa dedicação decidida pela terra dos nossos paes. Perante os patrios altares, em que, numma mystica apothéose paira a nossa irrisante bandeira, descerremos, pois, a nossa modesta homenagem quaes puberes flores em botão colhidas nos jardins primavera da nossa vida intima e collegial, flores que derramam os perfumes do patrio amor, desse amor sublime que admittie to-

do o fanatismo quando se trata da causa sagrada dos interesses e dos direitos da nossa armipotente nacionalidade. E como, em nossa diminuta esphera, nós nos preparamos para as conquistas do futuro, levantem-se, entre os vivos da população, os nossos ardentes votos: é que, inermes hoje, amanhã formemos compactas fileiras para, fitos nas cores sympathicas que servem de conforto ao moribundo nos campos de batalha, levarmos de vencida gigantescas emprezas em prol do nosso Brasil, cuja elevação devemos conquistar sacrificadamente, ao desfraldar da impoluta e invencivel bandeira».

Terminou erguendo vivas ao Brasil e ao pavilhão que o symbolisa, sendo gentilmente applaudido pelas circumstantes.

Em seguida, houve uma concorrida passeiata pelas ruas principaes da Cidade, aos sons de fragorosos debrado; pelas bandas instrumentaes do 3.º 13.º e 14.º Batalhões aqui existentes, finalizando-se no vasto Largo de Santa Thereza, onde romperam-se, das tres mencionadas bandas, as notas electricantes do magestoso Hymno Nacional, durante o qual as diversas bandeiras, levadas triumphalmente pelos grupos collegiaes, prestaram-se na devidas continências, enquanto o auditorio, de pé, contemplava um dos espectaculos mais tocantes que registrava, nos seus annaes, a Cidade de Corumbá.

Nossos parabens á distincta Comissão promotora dessa brilhante demonstração de acendrado patriotismo, cujos membros se houveram com o maior interesse e actividade para obter o melhor exito nessa nobre e patriótica incumbencia, convidan-

do, até, no desfilar das alas da mocidade estudiosa, pelas ruas corumbaenses, a levantarem-se altíssimos vivas á preconizada bandeira, que envolve todo este vasto paiz em que nascemos.

16-12-1909

Verdadeiramente brilhante foi a festa que se celebrou no Lyceu S. Gonzalo, no dia 16, em honra do Revmo. Sr. Padre Malan.

Os dialogos e poesias foram declamados de uma maneira que altamente honra a escola de declamação do Estabelecimento, e mostra a competencia dos singulos alumnos. Felicitações particulares merece o bacharelado Sr. Pen-lon Müller, pelo bello discurso em francez, declamado com muita correção e graça.

O esboço Natani, superou a expectativa, e os 3 actores Srs. Hippolito d'Oliveira, Lamartine Ferreira Mendes, e Nilo Póvoas mostraram-se valentes artistas.

O "*Comité Juvenil*" foi de uma attenção e amabilidade captivantes.

Parabens.

Frontispicio da Revista

Do nosso querido amigo e nunca esquecido P. Helvecio G. d'Oliveira, velho MATTOGROSSENSE DE CORAÇÃO, recebemos a vistosa capa com que se apresenta ao publico a nossa Revista, no novo anno de sua existencia. A preciosa e almejada gratidão agradeceu-nos immensamente, e mostra como o talentoso e estimado sacerdote ainda recorda o campo de seus fructíferos labores e não perde vasa, para mostrar o carinho que devota á Revista Matto Grosso, fructo de sua esforçada e esclarecida intelligencia.

Muito obrigado, carissimo e bondoso P. Helvecio, continue sempre em sua mente nossa memoria, aqui tem verdadeiros amigos que o estimam e que o recordam com saudades.

Clichés da Revista

Do Exmo. Sr. Tenente Coronel Avelino de Siqueira, actual e activissimo intendente municipal, recebemos varios clichés que mensalmente publicaremos na nossa revista.

Ao d. d. Sr. Intendente, que tanto se

esforça com a competencia que lhe é peculiar e que todos lhe reconhecem, para o progresso da nossa cidade, e vivamente almeja expor ao publico, quanto pôde tornar a digna de consideração e apreço, enviamos nossos agradecimentos, confessando que sempre estaremos ao seu lado no seguimento de um fim tão bello e querido.

O novo "Lord Mayor"

Foi eleito em Londres o novo *Lord Mayor*, isto é: O intendente da cidade interna, durante o anno 1910. E' Sir *John Knill*, filho de Sir *Stuart Knill*, já *Lord Mayor* no 1893.

Sendo o novo intendente catholico, sua eleição teve opposição momentanea; de presente, já occupa o elevado cargo.

Sir John Knill, foi educado no collegio de Beaumont, primeiramente, em seguida no collegio de Feldkirch em Vorarlberg.

(Do *Pro Familia*)

Catholicismo na Inglaterra

A camara dos Communs, votou em favor dos catholicos inglezes, em segunda leitura, por 133 votos contra 193 o seguinte bill:

1º Os catholicos poderão, d'aqui em diante, desempenhar os cargos de lord chancellor de Inglaterra e de lord intendente de Irlanda, lugares estes de que estavam excluidos pela lei da emancipação de 1827.

2º As ordens religiosas estabelecidas na Inglaterra, onde vivem por condescendencia serão provistas de titulo legal e autorizadas a adquirir e possuir toda a classe de bens.

3º S. M. o Rei, na formula de juramento do dia da sua coroação, não qualificará de blasphema e idolatria a Transsubstanciação e o culto dos Santos, limitando se a jurar que manterá a religião protestante.

--- Durante os ultimos dez annos converteram-se ao catholicismo na Inglaterra 443 ministros protestantes; 417 membros do parlamento; 255 do exercito; 164 publicistas; 129 juristas; 63 membros da nobreza; 60 medicos e 59 marinheiros. Entre estes convertidos, 209 abraçaram a carreira ecclesiastica, e 159 entraram nas ordens religiosas.

(Do *Bi-Biblonadario*)

Catholicismo nos Estados Unidos

Do jornal "La Capital", que não é clerical, transcrevemos o seguinte trecho:

«O catholicismo desenvolve-se na America do Norte, de maneira assombrosa, e dia a dia lucra terreno contra as seitas protestantes.

A Igreja catholica enumera presentemente 13. 877. 426 fieis, muitos dos quaes foram seus acerrimos inimigos.

Couisa singular, os protestantes das classes elevadas e de grande cultura intellectual abraçam o catholicismo, ao passo que, dos catholicos, apenas renegam sua fé uns poucos ignorantes e de humilde condição»

Para que servem as riquezas da Santa Sé

Os jornaes da Europa relatam o seguinte:

«Foram tão copiosos os donativos de Pio X para auxiliar a reconstrução das cidades destruidas na Calabria pelos terremotos que a propria Camara Municipal de Reggio, em secção solenne, manifestou a imperecível gratidão da cidade ao grande Pontífice. Por toda parte se vê exposto o retrato de Pio X.

Contra a immoralidade

O dr. Serzedello Corrêa, prefeito do Districto Federal, com o fim de cohibir a immoralidade que se nota nos Cinematographos, maximè no Rio, impoz multa de 500\$000 aquelles que exhibam fitas de genero livre, sendo em caso de reincidencia, cassada a respectiva licença, concedida para o seu funcionamento.

Ao distincto Prefeito os mais elevados elogios.

Serve para nos!

Os ignorantes e mal intencionados e, ha varios entre nos, proclamam que o catholicismo vai dia a dia perdendo terreno etc. etc. Transcrevemos umas linhas do Bi-Hedomadario que quadram admiravelmente:

«Na alluvão de sandiees que os órgãos da imprensa impia desta Capital e dos Estados têm escripto a respeito do fuzilamento do anarchista Francisco Ferrer, em Barcelona, o requinte maior e o delicioso gostinho dos energumenos escrevinhando:

res tem sido, e continua a ser a aggressão mais idiota á Igreja — o clericalismo, como lá dizem elles. E no ataque saem-se as vezes os patetas com cada uma deste tamanho, que nos noveria á piedade, si antes nos não provocessê a mais retumbante gargalhada.

Ora, leiam só esta de um delles: «O clericalismo (leia-se: o catholicismo) batido nos paizes progressivos e fortes, procura dominar os povos atrezados e submissos»

Leram? O pateta que semelhante coisa escreveu, considera, por certo, povos atrezados e submissos o inglez, o allemão, o hollandez, o americano do norte — povos protestantes, no meio dos quaes os progressos do catholicismo são maravilhosos!

Isso sem citar os paizes catholicos. »

A legação Brasileira na Santa Sé

Varios distinctos academicos brasileiros, catholicos, elaboraram uma mensagem para apresentar á Camara dos Deputados, na qual endereçavam congratulações áquella casa do Congresso, pela nova rejeitação que ali teve, neste anno, a repetidissima emenda suppressiva da legação do Brazil no Vaticano.

A mensagem, firmada por mais de mil academicos de Rio, São Paulo, Minas, foi apresentada á camara, no dia 29 de Novembro 1909, sendo portador o eminente dr. João Rosannah de Oliveira, deputado Federal, e redactor chefe do jornal catholico: *O Cruzado*.

Quando no anno atrezado, e-sa questão da legação brasileira junto ao Vaticano se agitou no parlamento, apenas 500 academicos de Rio se manifestaram contra a chronica emenda do snr. Thomaz Cavalcanti tendente a supprimir a legação.

Agora o movimento da mocidade se mostra mais intenso, quasi triplicado, e alastrando-se por diversos centros intellectuaes de nossa terra.

Uma opinião a respeito da França

O cardeal Vanutelli esteve em Franca. Não se tratava de modo algum de uma visita official.

As impressões do cardeal são optimistas. Declarou elle que, uma vez vencido a crise da separação, a Igreja de Franca entrará n'um periodo brilhante.

Situação religiosa em França

A verdadeira palavra sobre a situação religiosa em França foi dita pelo Rmo Bispo de Cahors:

«Nós temos um estatuto legal muito real que é de sermos perseguidos.» E é este estatuto legal que regerá em França, as relações da Igreja com o estado, isto é, dos perseguidos com os perseguidores, das victimas com os carrascos, até que cesse a perseguição e os direitos da Igreja sejam pelo governo reconhecidos.»

Um capitão de Estado Maior seminuarista

Lemos na revista *La semana catholica* de Madrid:

M. Jordán, de vinte e oito annos, capitão do Estado Maior, ajudante do general Kerdrain e cavalleiro da Legião de Honra, depois de sua campanha na China, renunciou o brilhante porvir que o esperava para entrar n'um seminario.

Seus numerosos amigos e companheiros de armas não o esquecerão facilmente, pelas excellentes qualidades que o adornavam; mas encontrarão n'este grande exemplo de fé e de amor a Deus, uma lição austera de abnegação e sacrificio.

O discurso do Papa

O discurso que o Papa dirigiu aos peregrinos francezes, em Roma, despertou um grande movimento entre os catholicos.

N'uma cidade os paes retiraram os proprios filhos das escolas officiaes, devido aos textos que n'ellas se usam.

Em Nantes, os catholicos negaram-se a receber em proprias casas os livros de texto.

Em Tolouse, uma multidão de mães de familia, queimou publicamente os livros que os professores entregaram aos proprios filhos.

A imprensa catholica de Pariz iniciou uma energica campanha para condemnar a intransigencia do governo, que procura impor a instrução leiga contra a vontade dos paes e dos alumnos.

Um parecer de Gibon

Com este titulo "Os males que affligem a França" alguns jornaes catholicos escrevem a opinião de varios catholicos eminentes.

Eis o que diz o illustradissimo professor Gibon.

«A primeira causa de nossos males é a escola sem Deus, que envenena a mocidade franceza.

«Publicamos algarismos eloquentes que mostram o balanço da instrução publica, organizada pelos atheus como instrumentos mais activos de nossa destruição.

«Com effeito, dez annos depois da decantada instrução neutra, no 1892, em vez de 16.000 criminosos tendo menos de 20 annos de idade, numero do anno 1882, as estatisticas officiaes publicaram um numero triplicado quasi 41.000.

«Esta affirmação é comprovada quotidianamente pelos magistrados, advogados, e outras autoridades da publica instrução, e por numerosos publicistas.

«Esta decadencia manifesta-se nas proprias estatisticas do governo, nas manifestações dos proprios agentes, e na confissão que M. Briand fez expondo os motivos do seu projecto de lei:

«A proporção de analphabetos era de 14% no 1882; no 1900 era de 25 a 30 por cento!»

Santa Sé

Lemos no excellent *Jornal Popular* de Lisboa que a S. Sé vai publicar brevemente um opusculo relativo a sua acção em proveito das victimas sobreviventes dos terremotos de Calabria.

Pagina Escolar

Nome dos alumnos do Lyceu Salesiano de Artes e Officios "S. Gonçalo" que se distinguirão no 1º Concorso realizado no mez de Janeiro de 1910.

VI ANNO

- 1º Soter Caio d'Araujo
- 2º Agnello Spiridião de Albuquerque
- 3º Brocardo Bleudo

Menção

Benedicto Oscar e Fenelon Müller

V ANNO

- 1º. Alvaro Prado d'Oliveira
- 2º. Antonio Paneracio d'Arruda
- 3º. Mariano Augusto de Figueiredo

Menção

Raymundo de Souza Lobo

IV ANNO

- 1º Antonio Marião de Souza
- 2º Plinio Lourdes d'Almeida Castello
- 3º Appolonio Théophilo Bouret

Menção

Manoel Adolpho Josetti

III ANNO

- 1º. Paulo Constantino Galvão
- 2º. Julio Müller
- 3º. Mario Aureliano da Costa Paiva

II ANNO

- 1º Hormindo Thiago Nogueira
- 2º Mario Alberto dos Santos
- 3º Adolpho Moreira d'Araujo

Menção

Benedicto Affonso da Fonseca, Hormindo Bleudo, Glycerio Póvoas e Pedro Alexandria Moscoso.

I ANNO

- 1º. Antonio Corrêa da Silva Pereira
- 2º. Pedro Rebuá
- 3º. Joaquim Alves Villas-Bôas

Menção

Gonçalo Martins

Complementar

- 1º. Ascendino de Sampaio
- 2º. Armindo de Arruda
- 3º. Arthur Pereira de Arruda

Elementar

- 1º. Antonio Alves de Siqueira
- 2º. Annibal Gomes Bezerra
- 3º. Adelfino Carnete

Menção

Generoso d'Oliveira Ponce, Benjamin Carvalho Rangel e Benedicto Olavo da Fonseca.

Superior

- 1º. Waldemiro Ferreira Mendes
- 2º. José de Moraes e Castro
- 3º. Odilon Gardes e Cecilio Lucrecio de Camargo.

Inferior

- 1º. João Henrique de Miranda
- 2º. Antonio d'Oliveira Ponce

CONDUCTA

Louror

Agnello Spiridão de Albuquerque, Jayme Marcolino de Campos, Epiphania G. da Piedade Mattos, Francisco Alves de Castro, Plinio Lourdes d'Almeida Castello, Abilio Leste de Barros, Manoel de Paula Carvalho, Benedicto Affonso da Fonseca, Germano d'Oliveira Ponce, Mario Alberto dos Santos, Trajano Augusto Martins, Antonio Corrêa da Silva Pereira, Joaquim Alves Villas-Bôas, Pedro Rebuá, Leonidas de Carvalho, Pedro d'Oliveira Ponce, Annibal Gomes Bezerra, Generoso d'Oliveira Ponce, Antonio Alves de Siqueira, Waldemiro Ferreira Mendes e Antonio d'Oliveira Ponce.

Distinção

Benedicto Oscar da Fonseca, Pedro de Moraes e Mattos, Albano Antunes d'Oliveira, Alvaro Prado d'Oliveira, Leonidas Antero de Mattos, Mariano Augusto de Figueiredo, Raymundo de Souza Lobo, Antonio Paulino Bastos, Appolonio Theophilo Bouret, Egydio José de Figueiredo, Frederico Alves Corrêa, Luiz Malheiros, Manoel Adolpho Josetti, Athayde de Lima Bastos, Leonidio José Rodrigues, Mario Aureliano da Costa Paiva, Pedro Paes de Barros, João Fontes d'Oliveira, Alnor de Lima Bastos, Adolpho Moreira d'Araujo, Christovão dos Santos Leque, Francisco A. Ferreira Mendes, Glycerio Póvoas, Hormindo Bleudo, Manoel dos Santos Cabral, Pedro Alexandria Moscoso, Alfredo Corrêa Pacheco, Altivo Solano Martins, Clodomiro d'Oliveira Bastos, Cordolino d'Agular, Ennio Martins, Generoso Ponce Filho, José Gonçalves, Ascendino de Sampaio, Josephi Nunes Ribeiro, João Jorge Moreira, Manoel Estevão da Silva, Manoel Amancio Pina, Olivio d'Oliveira Bastos, Orestes Rebuá, Antonio Pio d'Almeida, Benjamin Carvalho Rangel, e Benjamin da Silva Tavares.

OBSERVATORIO METEOROLOGICO "D. BOSCO"

Dependente do Lyceu Salesiano de Artes e Officios

Em Curitiba, Estado de Matto-Grosso. Director Padre M. G. de Oliveira e Secretario Padre J. M. Thannhuber

Observações feitas durante o mez de Outubro de 1909.

LATITUDE DA LOCALIDADE: 235°, 02 LATITUDE 15° 35' 49" LONGITUDE: 122° 50' 7"
(Occ. do Rio)

N. de observações por dia às 7 a. m. às 2 e 9 p. m. hora local

TABELLA I

Outubro 1909	Pressão barométrica reduzida á 0° cent. + 700 ^m /p					Temperatura centigrada, á sombra				EMP. sob Osculação	Humidade relativa			
	7 a.m.	2 p.m.	9 p.m.	Média	Osc. I	Média	Max.	Min.	Oscil. da Temp.		7 a.m.	2 p.m.	9 p.m.	Média
1	46.51	44.85	44.36	45.24	2.15	22.0	30.0	14.0	16.0	8.8	75	45.5	65	61.8
2	46.94	45.96	46.10	46.30	1.08	21.3	29.5	13.2	16.3	9.9	63	40	43	48.6
3	48.74	45.84	46.05	43.54	2.90	20.5	29.7	12.4	16.3	4.6	50	42.5	85	88.7
4	47.81	44.19	44.32	45.44	3.62	21.8	31.0	12.6	18.4	14.6	49	83	88	73.3
5	45.60	44.00	43.31	44.30	2.29	27.8	33.5	22.2	11.3	14.8	64.5	42	55	53.5
6	43.83	41.68	41.75	42.42	2.15	29.7	35.0	24.5	10.5	16.7	64.5	42	56	54.1
7	43.21	41.56	37.50	40.79	5.71	28.6	33.0	24.2	8.8	0.2	61	61	65	62.3
8	46.45	44.37	46.95	45.92	2.58	28.0	33.0	23.0	10.0	4.2	85	82	88	81.6
9	46.67	46.86	46.13	46.88	1.54	26.2	29.0	23.5	5.5	9.5	86	67	75	76.0
10	46.13	42.91	42.56	43.86	3.27	28.5	32.5	24.6	7.9	7.4	80	50	68	66
D. 1 ^a	45.64	44.21	43.90	44.46	2.72	25.4	31.5	19.4	12.1	9.1	67.8	55.5	68.8	66.5
11	44.02	42.63	45.34	43.99	2.71	27.0	34.0	24.0	10.0	12.8	73	44	64	60.3
12	45.81	42.48	43.62	43.97	3.93	30.1	33.8	26.5	7.3	10.7	73	42	71	65.3
13	45.59	45.08	43.81	44.82	1.78	30.7	34.0	27.4	6.6	6.0	67	53	61	60.3
14	46.06	44.64	43.81	44.83	2.25	30.3	34.4	26.2	8.2	11.6	67	45	63	58.3
15	44.04	44.63	42.67	43.44	1.96	31.2	35.0	27.4	7.6	10.3	62	45	56	54.3
16	43.61	41.83	42.83	42.42	1.78	31.9	35.5	28.4	7.1	0.4	68	41	52	53.6
17	46.78	46.28	45.83	46.29	0.95	28.1	31.2	25.0	6.2	0.4	80	76	83	79.6
18	46.25	45.54	46.83	46.20	0.58	26.4	28.6	24.2	4.4	6.4	87	68	85	76.6
19	48.58	47.68	48.40	44.88	0.90	26.6	28.0	25.2	2.8	6.8	85	78	79	80.6
20	47.51	45.51	45.96	46.32	2.00	26.6	30.2	23.0	7.2	10.6	85	74	72	77.3
D. 2 ^a	45.82	44.63	44.91	44.71	1.82	23.8	32.4	25.7	6.7	7.4	77.8	57.6	68.7	66.6
21	46.80	43.32	44.25	44.79	3.48	29.2	32.8	25.6	6.6	9.4	78	53	68	66.3
22	46.05	43.47	43.52	44.34	2.58	29.7	33.2	26.3	6.9	11.6	78	54	66	66.0
23	46.53	43.30	44.06	44.63	3.23	30.3	34.4	26.2	8.2	8.9	67	48	61	58.6
24	46.02	43.37	46.31	46.31	3.61	28.2	32.2	24.2	8.0	14.0	68	48	73	63.6
25	47.45	45.34	46.26	46.35	2.11	28.9	32.2	25.6	6.6	14.5	79	48	71	66.0
26	46.08	44.67	44.15	44.96	1.93	28.4	32.0	24.8	7.2	10.8	75	56	75	68.6
27	45.24	43.84	45.34	44.80	1.56	27.5	30.0	25.0	5.0	9.8	77	64	74	71.6
28	44.12	43.46	43.11	43.56	1.61	27.6	31.0	24.3	6.7	12.3	71	65	75	70.3
29	43.55	41.43	41.71	42.23	2.12	27.6	30.0	25.2	4.8	2.6	75	65	75	61.6
30	43.51	42.36	42.12	42.65	1.38	24.2	27.6	21.4	5.6	7.2	84	79	80	81.0
31	44.51	42.55	43.89	43.98	2.34	23.7	26.5	21.0	5.5	8.0	88	73	80	80.3
D. 3 ^a	45.49	43.46	43.33	44.41	2.39	27.8	31.0	24.5	6.4	9.9	76.5	59.3	72.5	63.9
Mez	45.65	44.10	44.38	44.52	2.31	27.3	31.6	23.2	8.4	8.8	74.0	57.5	70.6	65.6

Observatório meteorológico "D. Bosco" — Curitiba

TABELLA II

Outubro 1909	Vento Direcção — Força						Nebulosidade Forma — Fracção				Chuva Quantidade	EVAPORAÇÃO em 24 horas	
	7 a. m.	2 p. m.	9 p. m.	7 a. m.	2 p. m.	9 p. m.	Medi	Abrigo	Exp.				
1	S 5	SSE 5	W 1	N 8	SC 4	—	4.0			2.2	7.6		
2	" 1	S 1	S 5	C 8	" 3	—	3.6			3.6	11.4		
3	" 1	" 2	— 0	— 0	" 2	—	0.6			3.4	10.4		
4	SSW 1	— 0	" 0	" 0	— 0	—	0.0			2.4	9.2		
5	— 0	W 2	" 0	" 0	SK 8	—	2.6			2.4	10.4		
6	" 0	NNW 4	" 0	C 8	C 0.5	—	2.8			3.6	13.4		
7	N 4	SSW 3	NW 2	KC 8	KS 7	—	5.0			3.3	8.5		
8	E 4	N 1	SE 1	N 10	" 7	—	5.6	33.6		0.4	0.5		
9	— 0	SSW 2	— 0	KS 8	KN 10	—	6.0	22.8		1.2	4.4		
10	" 0	SSE 1	S 1	KC 3	C 5	—	2.6			2.6	8.5		
D 1 ^a	S 1.6	Var. 2.1	S 1.0	Var. 5.3	SC 4.6	—	3.2	56.4		24.0	84.4		
11	W 2	NNW 3	— 0	CK 5	K 7	—	4.0			2.2	9.8		
12	" 1	NNE 1	— 0	C 3	SN 10	—	4.3			3.0	11.8		
13	N 4	— 0	N 1	" 1	SK 7	—	2.6			2.2	10.2		
14	NNW 1	NNW 3	— 0	" 9	K 4	—	4.3			2.6	10.3		
15	N 2	S 4	NE 3	" 7	S 6	N 8	7.0			2.7	12.6		
16	" 3	NNW 4	NNW 2	CS 9	Kn 8	" 6	7.6			3.6	11.0		
17	S 1	SSE 2	— 0	N 10	Enc 10	Enc 10	10.0	46.5		0.6	1.0		
18	SSE 1	— 0	— 0	Enc 10	Kn 8	—	6.0			0.7	3.0		
19	W 1	S 3	— 0	SN 10	Ks 8	K 3	7.0	3.8		1.0	4.2		
20	S 2	SE 3	— 0	NS 10	" 8	—	6.0			1.4	7.3		
D 2 ^a	S-W 1.8	NNW 2.3	Var. 0.6	C 7.4	Var. 7.6	N 2.7	5.8	50.3		20.1	71.2		
21	W 2	W 3	— 0	Cs 3	Kn 4	Kn 8	5.0			1.8	7.8		
22	N 3	N 4	— 0	" 8	K 7	C 1	5.3			6.8	11.8		
23	" 2	" 5	N 3	C 4	C 2	— 0	2.0			3.2	13.4		
24	" 3	" 3	— 0	" 3	KS 5	K 3	3.6			2.0	9.0		
25	" 2	— 0	N 3	Enc 10	CK 2	C 2	4.6			1.4	10.2		
26	NW 3	S 2	" 1	C 2	K 8	K 1	3.6	5.6		2.0	5.4		
27	N 2	W 5	" 6	" 3	CK 4	S 9	5.3			1.8	6.0		
28	— 0	S 2	SSE 5	" 9	K 4	" 7	6.6			1.8	9.4		
29	N 4	N 3	N 3	CK 5	Enc 10	" 8	7.6	1.5		2.0	8.4		
30	" 2	SSE 1	— 0	Enc 10	N 10	" 6	8.6	30.6		0.3	0.0		
31	— 0	— 0	— 0	S 10	Sn 10	Enc 10	10.0			1.0	5.2		
D 3 ^a	N 2.3	N 2.8	N 2.1	C 6.7	K 6.6	S 5.5	6.2	37.7		20.1	86.6		
Mez	N 1.9	Var. 2.4	N-S 1.2	C 6.4	ScK 6.2	N-S 2.7	5.1	144.4		64.2	242.2		

Observatório meteorológico "D. Bosco" — Curitiba

TABELLA III

Resumo geral do Mez de Outubro de 1909

Correlação dos ventos com os seguintes elementos meteorológicos							
Ventos	N. de vez-s q'son.	Alt. barométrica Média	Temperatura Média	Nebulosid. Média	Humid. Média		
N	21	44.33	28.2	5.4	66.8	Tensão média do vapor atmosférico	18 ^m /m49
NNE	1	42.48	33.0	10.0	52.0	Humidade relativa média	65 ^m /m6
NE	1	42.67	31.0	8	56.0	Evaporação média diária ao abrigo	2 ^m /m0
ENE	—	—	—	—	—	Evaporação média diária ao sol	7 ^m /m6
E	1	42.45	24.5	1.0	85	Maior evaporação diária ao abrigo — Dia 3,6	2 ^m /m6
ESE	—	—	—	—	—	Maior evaporação diária ao sol — Dia 6,23	13 ^m /m4
SE	1	45.51	28.0	8	74	Menor evaporação diária ao abrigo — Dia 30	0 ^m /m3
SSE	6	44.28	27.2	7.3	68.7	Menor evaporação diária ao sol — Dia 8	0 ^m /m5
S	14	45.90	26.9	6.2	64.9	Evaporação total ao abrigo	64 ^m /m2
SSW	3	45.41	26.5	5.6	59.0	Evaporação total ao sol	236 ^m /m2
SW	—	—	—	—	—	Quantidade média mensal do Ozono	—
WSW	—	—	—	—	—	Maxima da insolação	—
W	8	45.09	27.6	4.7	60.6	BAROMETRO REDUZIDO Á 0° c.	
WNW	—	—	—	—	—	Pressão média mensal	44.52
NNW	6	43.27	32.1	5.7	48.5	Maxima pressão durante o mez — Dia 3	48.74
NW	1	37.50	30.0	0	65	Minima pressão durante o mez — Dia 2,9	41.43
Calmas	28	—	—	—	—	Media diaria maxima Dia 9	46.88
Vento predominante N						Media diaria minima Dia 7	40.79
» menos frequente NE-E-SE-NW						Oscillação maxima diaria — Dia 4	3.6
» mais quente NNE						Oscillação diaria minima Dia 18	0.2
» mais frio E						Oscillação total durante o mez	58
» de maior altura barométrica E						TEMPERATURA CENTIGRADA AO ABRIGO	
» de menor altura barométrica NW						Media mensal	27.3
» mais secco NNE						Maxima extrema — Dia 16	35.5
» mais humido E						Minima extrema — Dia 3	12.4
» de maior nebulosidade E						Media diaria maxima — Dia 16	31.9
» menor W-NW						Media diaria minima — Dia 3	20.5
NUVENS						Oscillação diaria maxima — Dia 4	18.4
Formas predominantes CK-Su						Oscillação diaria minima — Dia 19	2.8
Quantidade media 5.0						Oscillação total durante o mez.	8.4
Dias claros 15						TEMPERATURA CENTIGRADA AO AR LIVRE	
Dias nublados 16						Media mensal	27.5
CHUVA						Maxima extrema — Dia 6	39.9
Numero de dias com chuva 7						Minima extrema — Dia 30	19.0
Total de agua recolhida 144 ^m /m4						Media diaria maxima — Dia 6	30.5
Alura max. em 24 hors. 46 ^m /m5						Media diaria minima — Dias 1-19	21.4
N.º DE DIAS						Oscillação diaria maxima — Dia 6	16.7
Manifestações electricas 15						Oscillação diaria minima — Dias 16-17	0.4
Trovoadas 9						Oscillação total durante o mez	8.8
Nevoeiros 3							
Orvalho 8							
Dias sem brilho solar 4							

OBSERVATORIO METEOROLOGICO

"Presidente Antonio Paes de Barros"

Dirigido pelos R. B. P. P. Salesianos em Araguaya — Mato-Grosso

Observações feitas durante o mez de Agosto de 1909

Altitude approximada da Localidade: 488.^m - Latitude approximada: 15° 3' S.

Longitude approximada: 8° 2' (W do Rio)

N.º DE OBSERVAÇÕES POR DIA: AS 6 A. M., AS 2 E 8 P. M. HORA LOCAL

TABELLA I

Agosto 1909	Pressão barométrica reduzida á 0. ^o cent. + 700 ^{mm}					Temperatura centigrada á sombra				TEMP. SOL OBSERVAÇÃO	Humidade relativa			
	3 a.m.	2 p.m.	8 p.m.	Media	Oscil.	Media	Max.	Min.	Oscil. da tem.		3 a.m.	2 p.m.	8 p.m.	Media
1	24.52	23.70	23.32	23.84	1.20	24.1	28.3	20.0	8.3	27.0	61.0	60.0	39.0	45.3
2	24.12	22.82	22.79	23.24	1.43	23.7	28.0	19.5	8.5	29.5	63.0	37.0	45.0	48.3
3	24.58	23.70	23.82	24.03	0.88	24.5	28.8	20.2	8.6	27.5	59.0	37.0	39.0	45.0
4	24.64	23.20	23.39	23.74	1.44	24.1	28.7	19.5	9.2	28.0	63.0	36.0	43.0	47.3
5	24.66	23.14	23.51	23.77	1.52	23.8	28.4	19.2	9.2	27.0	57.0	34.0	43.0	44.6
6	24.00	23.11	23.82	23.64	0.89	25.2	28.5	22.0	6.5	19.2	68.5	40.0	48.0	52.0
7	24.47	23.37	23.53	23.79	1.10	24.8	27.6	21.0	7.6	24.0	58.0	36.0	43.0	45.6
8	24.59	23.70	22.91	23.73	1.68	24.0	27.8	20.3	7.5	25.5	56.0	39.0	42.0	45.6
9	24.66	23.26	22.92	23.61	1.74	23.6	28.8	19.4	8.4	29.5	48.0	39.0	39.0	42.0
10	23.84	21.77	22.43	23.24	2.07	23.6	28.8	19.5	8.3	28.0	53.0	39.0	42.0	48.0
D.1 ^a	24.40	23.17	23.24	23.67	1.39	24.1	28.2	20.0	8.2	26.5	59.6	37.3	42.3	46.3
11	22.80	21.72	21.91	22.14	1.08	24.7	27.6	21.8	5.8	23.0	53.5	37.0	39.0	43.1
12	22.64	21.70	21.42	21.92	1.22	23.3	27.5	19.5	8.0	29.3	61.0	39.0	45.0	48.3
13	21.91	20.58	20.58	21.02	1.33	24.3	27.6	21.0	6.6	20.0	57.0	43.0	43.0	47.6
14	22.19	22.63	22.85	22.55	0.66	26.7	28.0	23.4	6.6	20.8	59.0	52.5	67.5	59.6
15	23.37	23.53	23.85	23.60	0.48	24.1	28.2	20.0	8.2	20.8	60.0	55.0	63.0	59.3
16	23.83	24.17	23.93	23.97	1.34	24.2	28.4	20.0	8.4	20.0	60.0	68.0	54.0	60.6
17	24.64	23.22	23.42	23.76	1.42	23.8	28.0	19.8	8.4	23.5	73.0	49.0	55.0	59.0
18	21.40	21.70	21.18	22.42	3.22	24.9	28.0	21.8	6.2	26.5	70.0	47.0	42.0	53.0
19	24.45	20.54	21.76	22.25	3.91	25.4	28.8	22.0	6.8	25.5	70.0	40.0	42.0	50.6
20	23.50	21.54	21.68	22.24	1.96	25.2	29.5	21.0	8.5	19.6	59.0	36.5	44.0	46.5
D.2 ^a	23.37	22.13	22.25	22.74	1.65	24.6	27.3	21.0	7.3	22.9	62.2	46.7	49.4	52.7
21	23.29	21.35	21.26	21.96	2.03	26.1	29.6	22.6	7.0	18.7	49.0	40.0	47.0	45.3
22	22.58	19.49	20.70	20.92	3.09	25.1	29.8	20.5	9.3	33.4	67.5	50.0	51.0	56.1
23	22.37	19.58	19.90	20.61	2.79	24.8	29.5	20.2	9.3	25.0	74.0	66.0	70.0	70.0
24	21.20	20.58	20.61	20.82	0.71	25.5	29.0	22.0	7.0	20.6	77.0	64.0	70.0	70.3
25	23.37	21.65	21.88	22.30	1.72	25.2	28.4	22.0	6.4	25.5	98.0	46.0	40.0	61.3
26	22.17	20.69	20.70	21.18	1.48	26.1	30.0	22.2	7.8	27.0	69.0	58.0	57.0	61.3
27	23.97	19.14	19.69	10.03	1.83	25.2	28.5	22.0	6.5	26.1	60.0	61.0	57.0	59.3
28	23.05	19.08	18.49	10.20	1.56	26.4	29.8	23.1	6.7	28.0	69.0	43.0	59.0	57.0
29	19.84	19.31	19.35	19.50	0.53	28.2	33.3	23.2	10.1	27.0	44.0	59.0	71.0	61.3
30	22.20	21.82	19.58	21.23	2.71	27.1	31.2	23.0	8.2	22.0	74.0	59.0	53.0	62.0
31	21.79	20.70	19.58	20.69	2.21	25.4	28.4	22.4	6.0	24.0	74.0	52.0	55.0	60.3
D.3 ^a	20.00	20.30	20.15	20.75	1.87	25.9	29.7	22.1	7.6	24.9	69.5	54.3	56.3	60.3
Mez	22.59	21.86	21.88	22.38	1.64	24.8	28.4	21.0	7.7	24.7	63.7	46.1	49.3	53.1

Observatório meteorológico "Presidente Antonio Paes de Barros"

TABELLA II

AGOSTO 1949	Vento Direcção—Força			Nebulosidade Forma—Fracção				Chuva Quantidade	EVAPORAÇÃO em 24 horas	
	6 a. m.	2 p. m.	8 p. m.	6 a. m.	2 p. m.	8 p. m.	Media		Abrigo	Exp.
1	—	0	E 5	E 3	—	0	—	—	3.0	10.0
2	—	0	W 3	—	0	—	—	—	2.6	8.5
3	—	0	E 3	E 2	—	0	—	—	2.8	9.2
4	—	0	" 5	" 3	—	0	—	—	3.1	10.0
5	—	0	" 8	" 5	—	0	—	—	3.2	11.5
6	—	0	" 5	—	0	—	—	—	3.3	11.0
7	—	0	" 5	E 3	C 3	SC 2	2.3	—	3.3	9.5
8	—	0	" 2	" 5	S 1	—	0.3	—	3.5	1.5
9	—	0	" 6	" 1	—	0	2.0	—	3.1	9.8
10	E 1	NE 4	" 3	—	0	—	—	—	3.2	10.0
D.1 ^a	E 0.3	E 4.6	E 2.5	var.0.9	K 1.2	var.0.5	0.8	—	31.1	99.0
11	—	0	E 5	E 3	KC 7	K 3	—	—	3.3	10.1
12	—	0	NE 3	—	8	SC 3	—	—	3.6	10.0
13	—	0	—	0	OS 3	—	0	—	1.0	9.0
14	—	0	W 6	W 7	SC 4	—	0	—	4.0	8.8
15	—	0	SW 5	—	KN 8	—	0	—	2.6	9.1
16	—	0	" 5	SW 6	SC 3	—	0	—	1.0	9.0
17	—	0	E 6	SES 2	" 4	C 2	—	—	2.0	8.5
18	—	0	—	E 5	—	0	—	—	2.0	10.5
19	E 5	NE 2	" 4	SK 5	KC 3	—	0	—	2.6	12.0
20	—	0	E 5	—	—	0	—	—	1.3	10.0
D.2 ^a	E 0.5	E 3.7	E 2.7	SC 4.2	K 2.1	SC 0.8	2.3	—	27.6	97.0
21	E 5	E 7	—	0	C 4	K 5	C 2	—	3.8	12.0
22	—	0	" 4	E 4	" 2	KC 4	" 3	—	3.5	11.3
23	—	0	" 0	" 1	SK 4	K 4	SK 7	—	3.2	10.0
24	—	0	E 2	" 6	SC 5	" 6	" 9	—	3.0	9.0
25	—	0	" 3	" 5	" 7	SC 2	S 2	—	3.6	11.0
26	—	0	NE 3	" 1	KC 4	C 3	—	—	3.0	10.8
27	—	0	" 5	" 4	—	0	—	—	3.0	10.0
28	—	0	" 6	ENE 5	SC 4	K 4	K 6	—	3.5	10.5
29	E 3	" 3	SW 6	—	—	0	C 4	—	3.2	10.5
30	W 5	E 2	SWs 6	—	—	0	—	—	3.0	9.5
31	—	0	NE 5	NE 3	—	0	—	—	2.7	9.0
D.3 ^a	E 1.0	NE 3.6	E 3.7	SC 2.7	K 2.5	C 3.0	2.7	—	35.5	113.6
Moz	E 0.6	E 3.9	E 2.9	SC 2.6	K 1.9	C 1.4	1.9	—	94.2	369.6

de salvar a honra de sua sciencia...

Infelizmente mestre Haeckel com a audacia propria de todo o charlatão, quiz metter-se em terreno que não estava habituado a explorar e lhe veio dahi uma série de desastres de que muito desejaria tivessem conhecimento os que ainda o tomam a serio.

O professor Chwolson, physico conhecido, de S. Petersburgo, foi um dos primeiros a apontar os erros grosseiros de Haeckel na sciencia de sua especialidade. Pelas citações que encontramos no livro de Mr. Cyon, vê-se que o auctor dos "Enigmas do Universo" desconhece as cousas mais simples em physica.

Falla Chwolson:

«Haeckel não julgou necessario consultar pelo menos um manual de physica para saber em que consiste a lei da energia: della elle não possui a menor noção. Tudo, repito-o, tudo que Haeckel diz, explica, e affirma em relação ás questões de physica é falso, repousa apenas sobre equívocos ou prova uma ignorancia incrível dos problemas os mais elementares. Sobre a lei da energia que elle considera como a estrella-guia (Leitstern) de suas concepções philosophicas, não tem sequer os conhecimentos rudimentares de um estudante. E com tanta ignorancia elle toma a liberdade de declarar que a base da physica moderna, a theoria cinetica da substancia não é defensavel e que a lei da entropia, isto é, a segunda proposição da thermodynamica deve ser abandonada.»

Para mostrar até que ponto vai o descredito scientifico de Haeckel, basta dizer que partidarios decididos do darwinismo, como Karl Vogt, figuram na primeira linha dos adver-

sarios de Haeckel, cuja audacia chegou ao ponto de reclamar, em um congresso de Munich, que suas doutrinas fossem introduzidas nos programmas escolares, como base do ensino dado á mocidade.

O professor Virchow, cuja autoridade ninguem contesta, oppoz-se terminantemente ás pretensões do professor de Iena, simplesmente porque a theoria da origem das especies não tinha o grão de certeza que elle lhe queria emprestar.

Apozar de tudo isso Haeckel não se furtou ao triste ridiculo de querer ser o pontifice de uma nova religião, a religião da descendencia animal do homem.

A 30 de julho de 1908, em plena festa jubilar da Universidade de Iena, Haeckel inaugurava o primeiro edificio erguido em honra da divindade protozoaria. E disse om tom prophético:

«Ao serviço da concepção racional do mundo será consagrado o novo museu da doutrina evolucionista. Esperamos que este museu phyletico, cujo monumento se ergue á porta do Paraizo, será um "templo" para a religião da Razão pura, pelo culto do Verdadeiro, do Bem e do Bello. Lançando com o auxilio da Historia da Descendencia, seus solidos fundamentos, resolvemos ao mesmo tempo o grande problema do homem.»

O Dr. Cyon explica em uma nota que o Paraizo de que falla Haeckel em seu discurso e a cuja porta foi erguido o muscu-templo do protozoario, é um parque de Iena.

Eu chamo a attenção do leitor para o desalinhavo, a contradicção e o ridiculo que se vê nestas poucas palavras, porque Haeckel, ao mesmo tempo que se diz materialista, torna-se mystico, fallando em religiões